



FACULDADE CATÓLICA DE ANAPOLIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO, AUDITORIA E PERÍCIA
AMBIENTAL.

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DO AMBIENTE
LIMPO NAS ESCOLAS NA FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES
SOCIOAMBIENTAIS**

CLAYTON LOPES DA SILVA
ELIZABETH DA SILVA COSTA
LUCIENE APARECIDA PEREIRA DA SILVA

ANÁPOLIS
2014

CLAYTON LOPES DA SILVA
ELIZABETH DA SILVA COSTA
LUCIENE APARECIDA PEREIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DO AMBIENTE
LIMPO NAS ESCOLAS NA FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES
SOCIOAMBIENTAIS**

Trabalho de Conclusão Curso submetido à coordenação do curso de pós-graduação em gestão, auditoria e perícia ambiental, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Me. Diego Tarley Ferreira Nascimento

ANÁPOLIS
2014

CLAYTON LOPES DA SILVA
ELIZABETH DA SILVA COSTA
LUCIENE APARECIDA PEREIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DO AMBIENTE LIMPO NAS
ESCOLAS NA FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES SOCIOAMBIENTAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Gestão, Auditoria e Perícia Ambiental da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis-GO, 12 de abril de 2014.

APROVADA EM: 12/ 05/ 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Diego Tarley Ferreira Nascimento
Orientador

Prof. Dr. Gabriel Tenaglia

Prof.^a Esp. Aracelly R. Loures Rangel

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos que buscam uma educação com qualidade e com respeito ao meio ambiente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especial:

À Deus, a quem devemos nossa vida.

Às nossas famílias, que sempre nos apoiaram nos estudos e nas escolhas tomadas.

À Faculdade Católica de Anápolis, pelo apoio na pesquisa.

À Professora Secretária de Educação de Anápolis, Virgínia Maria Pereira de Melo, à Subsecretária Regional de Educação de Anápolis/GO, Professora Sonja Maria Lacerda, e aos diretores e coordenadores das escolas que aceitaram e colaboraram com este trabalho.

Ao nosso orientador Professor Me. Diego Tarley Ferreira Nascimento, pela dedicação e estímulos.

RESUMO

Buscando verificar a aplicação multidisciplinar da educação ambiental e a ressalva da importância do ambiente escolar limpo, e suas múltiplas inter-relações, como transformadora e criadora de multiplicadores socioambientais, este trabalho apresenta uma pesquisa feita em quatorze escolas de ensino fundamental e médio com 140 alunos, na cidade de Anápolis-GO, analisando o conhecimento, sua aplicação, e sua relação direta na comunidade e as dificuldades socioambientais vivenciadas nesta região, fazendo assim uma abordagem sobre escolas, saúde, educação ambiental, e relação interpessoal e social e sua correlação, como é indicada nos parâmetros curriculares do Ministério da Educação (MEC).

Palavras-chaves: Educação Ambiental. Ambiente Escolar. Saúde. Multiplicadores Socioambientais.

ABSTRACT

Seeking to verify implementation of multidisciplinary environmental education and qualification of the importance of clean school environment, and their multiple interrelationships, as manufacturing and creator of environmental multipliers, this work presents a survey of fourteen elementary schools and middle with 140 students, in the city of Anapolis-GO, analyzing knowledge, its application, and its direct relationship in the community and environmental difficulties experienced in this region, thus making an approach on schools, health, environmental education, and social and interpersonal relationship and correlation, as Indicated is the curriculum guidelines of the Ministry of Education (MEC).

Keywords: Environmental Education. School Environment. Health. Social and Environmental Multipliers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Figura 1 – Escola Infestada por roedores e insetos no Distrito Federal.....	11
Figura 02	Figura 2 - Falta de estrutura sanitária e higiene em escola de Rondônia.....	12
Figura 03	Primeira escola de Anápolis, Colégio Antesina Santana.....	21
Figura 04	Área de recreação de escola.....	25
Figura 05	Escola sem área verde.....	25
Figura 06	Escola com área utilizada para entulho.....	26
Figura 07	Resíduos nas lixeiras da escola	26
Figura 08	Lixo fora da lixeira.....	27
Figura 09	Lixeiras Seletivas.....	28
Figura 10	Gráfico de locais que os alunos conhecem.....	29
Figura 11	Quadro dos alunos que aprovam a limpeza da escola.....	30
Figura 12	Banheiro com vazamento.....	30
Figura 13	Banheiro sem porta.....	30
Figura 14	Banheiro pichado.....	31
Figura 15	Banheiro que não foi visualizado problemas físicos.....	31
Figura 16	Aterro Sanitário de Anápolis.....	34
Figura 17	Nascente do córrego João Cesario.....	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEU PAPEL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E HIGIENE.....	14
1.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	14
1.1.1 O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	15
1.2 A EDUCAÇÃO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E HIGIENE.....	18
1.3 AS ESCOLAS DA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO.....	20
1.4 O AMBIENTE ESCOLAR.....	22
1.4.1 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NA ESCOLA.....	23
CAPÍTULO 2 - O AMBIENTE ESCOLAR E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ANÁPOLIS-GO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

É acreditando que a educação ambiental possa trazer mudanças de comportamento, atitudes, valores, e cidadania, que esse trabalho busca analisar como a aplicação multidisciplinar da educação ambiental e a ressalva da importância do ambiente escolar limpo vem sendo utilizada como transformadora nas escolas de ensino fundamental e médio na cidade de Anápolis-GO.

O conhecimento que as questões ambientais devem ser consideradas com maior seriedade pela sociedade, assim como a importância do ambiente escolar, é fundamental na formação de multiplicadores socioambientais, com a percepção e interação do aluno com o meio ambiente, seja aquele natural ou aquele em seu entorno (escolar). Para tanto, a escola também deve ser apresentada como modelo, em um ambiente bem condicionado.

A escola é a principal articuladora de uma nova filosofia: A educação ambiental é um dos eixos fundamentais para impulsionar os processos de prevenção da deterioração ambiental, do aproveitamento dos direitos dos cidadãos a um ambiente sustentável. Ela implica uma nova concepção do papel da própria escola. A articulação de seus conceitos, métodos, estratégias e objetivos é complexa e ambiciosa: dimensões ecológicas, históricas, culturais, sociais, políticas e econômicas da realidade e construção de uma sociedade baseada em princípios éticos e de solidariedade (COLESANTI, 1996, p.35).

Com a perspectiva de mudança de valores, assim como preconiza os fundamentos da Educação Ambiental, se faz necessário um diagnóstico deste conhecimento adquirido pelo aluno e sua comunidade, com vistas a direcionar ações futuras no âmbito da sustentabilidade socioambiental.

A educação ambiental possui o objetivo maior de conscientizar a humanidade, através da criação de oportunidades de conhecimentos direcionados a proteção ambiental e, conseqüentemente, social.

O ambiente se gera e se constrói ao longo do processo histórico de ocupação e transformação do espaço por parte de uma sociedade. Portanto, surge como síntese histórica das relações de intercâmbio entre sociedade e natureza. [...] O homem entrou na história acreditando ser o centro do universo, capaz de transformar a natureza e de utilizar os recursos naturais para si, não somente abrangendo o ecossistema e suas inter-relações. Pensou em sua sobrevivência, progresso e conforto, e deixou de pensar que os recursos são esgotáveis e que se a Terra ficar imprópria para a nossa moradia não teremos para onde fugir (MEDINA, 1994, p.9).

O capítulo VI, § 1º, inciso VI, da Constituição Brasileira se refere ao meio ambiente e à inclusão da educação ambiental em todos dos níveis de ensino, para tanto se torna necessária a capacitação aos educadores em todos os níveis de ensino.

Tratamos de Educação Ambiental definida no Brasil a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalistas e na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade (LOUREIRO, 2004, p. 23-24)

Existe muita gente que ainda acredita que ensinar educação ambiental é uma prática estritamente ecológica, isto é, ensinar as crianças sobre fotossíntese, crescimentos das plantas, etc. que seria função da disciplina de biologia e com isso não abriria espaço para a integração com outras disciplinas (MINC, 1993, p. 11).

Um ambiente escolar, organizado, bonito e que tenha atrativos é um elemento educativo de grande relevância, pois estimula a sensibilidade artística e criativa do aluno. O cuidado com o ambiente físico da escola também é de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem.

Tudo na escola deve ser feito para educar. Tudo. Assim, a sujeira deseduca, o abandono deseduca, a desorganização deseduca. Por outro lado, a limpeza educa, a organização educa, as paredes educam, os quadros educam, as plantas educam. Por isso a estrutura física para mim é importante para a visualização da seriedade do processo e da concepção que se tem da escola. (D'AMORIM, apud PORTELA, 2001, p. 175).

Tanto o ambiente escolar quanto os professores são peças fundamentais no processo de conscientização da sociedade acerca dos problemas socioambientais, pois busca desenvolver em seus alunos hábitos e atitudes sadias de conservação, sustentabilidade e respeito ao meio, transformando-os em cidadãos conscientes e comprometidos com o futuro. A importância de haver um ambiente escolar limpo e com boa manutenção, deve ser mais que uma rotina, precisa ser um exemplo. De acordo com Munhoz (2004, p. 81), “uma das formas de levar educação ambiental à comunidade é pela ação direta do professor na sala de aula e em atividades extracurriculares”.

Portanto, a educação ambiental é a principal ferramenta existente para a conscientização da população a respeito dos problemas socioambientais. Através dela, objetiva-se facilitar o conhecimento sobre a gravidade dos problemas nas

esferas sociais e ambientais, a urgente necessidade na busca de soluções para os problemas atuais e a necessidade de incorporação de uma cultura sustentável.

Recentemente, em entrevista numa rádio local, uma aluna da cidade de Anápolis-GO desabafou seu descontentamento com sua escola, alegando que trabalhava o dia inteiro e, ao chegar à escola, o desanimo era total, devido às más condições físicas e sanitárias da instituição de ensino - lixo por toda escola e banheiros sujos.

Em pesquisa em sites de busca com as palavras-chaves “escolas sujas”, encontram-se casos alarmantes no Distrito Federal, como em uma escola que estava frequentemente infestada por roedores e insetos (Figura 1); e ainda uma denúncia anônima protocolada na Promotoria de Justiça de Infância e Juventude, no Ministério Público de Rondônia, que acusava a escola de ensino fundamental de falta de estrutura sanitária e higiene adequada na instituição de ensino, o que estaria colocando a saúde dos alunos em risco (Figura 2).

Figura 1 – Escola Infestada por roedores e insetos no Distrito Federal



Fonte: R7 - 2013

Figura 2 - Falta de estrutura sanitária e higiene em escola de Rondônia



Fonte: Rondoniaovivo - 2013

Nesse sentido, o objetivo geral do presente trabalho é qualificar e quantificar a percepção da importância da educação ambiental e do ambiente escolar limpo na formação de multiplicadores socioambientais e sua aplicação, tendo como estudo de caso algumas escolas da cidade de Anápolis-GO.

A título de objetivos específicos, almeja-se:

- Analisar as condições físicas e sanitárias e a existência de projetos voltados à educação ambiental nas escolas de Anápolis-GO;
- Avaliar o comprometimento da direção e funcionários com a educação ambiental e com o ambiente escolar limpo;
- Avaliar a percepção dos alunos com relação à educação ambiental e com o ambiente escolar limpo.

O presente trabalho se apoia no método hipotético-dedutivo, devido à insuficiência dos conhecimentos disponíveis até o momento sobre essa temática. Baseia-se em uma pesquisa qualitativa e quantitativa, de caráter exploratório, considerando a subjetividade e individualidade do estudo. Os instrumentos utilizados

para a coleta de dados foram: levantamento bibliográfico e documental (indireto), com observação, análise documental e entrevista (documentação direta).

A primeira etapa do trabalho se baseou em pesquisa bibliográfica acerca do papel da educação como transformadora socioambiental e sua participação na formação do sujeito para a cidadania, assim como sobre a importância do ambiente escolar limpo. Em segundo momento, foi elaborado e aplicado questionário em 14 escolas do ensino fundamental e médio de Anápolis-GO, da rede particular, municipal e estadual. Em cada escola, foram entrevistados um responsável gestor do estabelecimento (diretor ou coordenador pedagógico) e 140 alunos. Posteriormente, os dados foram tabulados e tratados em *Excel* e elaborados as representações tabulares e gráficas para auxílio das análises.

Através deste contexto, busca-se visualizar possibilidades através de uma análise bibliográfica da aplicação da Educação Ambiental e as condições de higiene e sanitárias das escolas nas redes estadual, municipal e particular de Anápolis, e, paralelamente a isso, dentro dessa realidade, apresentar uma correlação desta aplicação nas escolas com o papel de multiplicadores socioambientais.

CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEU PAPEL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E HIGIENE

1.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental parte do princípio de despertar a consciência do ser humano ser parte do meio ambiente, como um instrumento de mudança de valores, comportamentos e percepções.

Para Loureiro (2002), a educação ambiental é uma práxis tanto educativa quanto social, que tem por objetivo a construção de valores, conceitos, novas habilidades e atitudes que promovam o entendimento da realidade de vida e uma atuação lúcida e responsável de atores sociais frente ao ambiente, individual e coletivamente. Trata-se de um elemento estratégico na formação de uma consciência crítica das relações sociais.

Para Noal e Reigota (1998), a educação ambiental deve ser concebida como um processo de reflexão e tomada de consciência sobre os problemas socioambientais, levando em consideração a importância da promoção da mobilização e participação social, além da transformação dos atuais métodos de investigação e formação, por meio de uma visão holística e interdisciplinar.

A Educação Ambiental nasce da consciência de que é necessário modificar os comportamentos humanos frente às características do meio ambiente, preservando, restaurando e principalmente com mudanças de paradigmas, onde o consumismo exacerbado tem gerado a degradação dos recursos naturais e comprometendo a qualidade de vida. Sua aplicação prática deve levar o Homem a viver em harmonia com a natureza, passando pela participação de todos os cidadãos na solução dos problemas e preocupações ambientais.

Para Sorrentino (1998), os grandes desafios para os educadores ambientais são, de um lado, o resgate e o desenvolvimento de valores e comportamentos (confiança, respeito mútuo, responsabilidade, compromisso, solidariedade e iniciativa) e de outro, o estímulo a uma visão global e crítica das questões ambientais e a promoção de um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes.

1.1.1 O Surgimento da Educação ambiental

Pereira, Elenita Malta (2004), em seu Blog, Outras Palavras, em “50 anos de Primavera Silenciosa”, cita que o livro *Primavera Silenciosa*, da bióloga e escritora norte-americana Rachel Carson (1907-1964), é considerado o primeiro alerta mundial contra os efeitos nocivos do uso de pesticidas na agricultura, porém, mais que um alerta contra os agrotóxicos, divulgou uma mensagem ética: a relação do homem com a natureza está no caminho errado e precisa mudar. O livro influenciou a criação da Agência de Proteção Ambiental (*Environmental Protection Agency*, EPA) nos Estados Unidos e inspirou movimentos ambientalistas em diversos países.

DIAS, Genebaldo Freire (1991), cita que a educação ambiental restringia-se a um pequeno número de estudiosos e apreciadores da natureza – espiritualistas naturalistas e outros. Contudo, devido à ocorrência de vários fatos envolvendo o meio ambiente, estudiosos voltaram sua atenção pela preocupação em decorrência da degradação do meio ambiente.

A preocupação com o estado do meio ambiente não é recente, mas foram nas últimas três décadas do século XX que ela entrou definitivamente na agenda dos governos de muitos países e de diversos segmentos da sociedade civil organizada.

De acordo com Obara e Silva (2001) dentre um dos principais marcos históricos da Educação Ambiental, se encontra o ano de 1872 em que se criou nos Estados Unidos da América, o primeiro parque nacional – o Parque *Yellowstone*. Essa foi uma ação pioneira sobre a necessidade de proteção dos recursos naturais em pressão e serviu de exemplo a seguir por todo o mundo.

DIAS, Genebaldo Freire (1991) cita que na década de 1960 surgiram os primeiros movimentos ambientalistas motivados pela contaminação das águas e do ar nos países industrializados. Surgiu a consciência de que resíduos incorretamente dispostos podiam penetrar na cadeia alimentar e causar mortes e deformações físicas em larga escala, por meio de um processo de bioacumulação. A descontaminação do rio Tamisa e a melhoria do ar ambiente em Londres são exemplos dessa fase precursora dos cuidados com o meio ambiente denominado de “década da conscientização”.

Citado por LOUREIRO, Carlos Frederico (2004) que apenas em 1965 foi utilizada a expressão “Educação Ambiental” (*Environmental Education*), na ocorrência da “Conferência de Educação” promovida pela Universidade de Keele, Grã-Bretanha.

Em 1972 ocorreu a Conferência Internacional sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo, na Suécia, onde houve grande discussão e avaliação dos problemas ambientais globais. Nessa ocasião, foi elaborada e divulgada a Carta de Princípios sobre o Ambiente Humano, com 26 artigos, dentre os quais está incluído um sobre a Educação Ambiental.

DIAS, Genebaldo Freire (1991) enfatiza que em 1977 ocorreu a I Conferência Internacional sobre Educação Ambiental, em Tbilisi, na Geórgia (ex URSS), promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sendo um marco conceitual em Educação Ambiental. Logo mais a frente, em 1985, ocorreu a Convenção de Viena para a Proteção da Camada de Ozônio, realizada em março de 1985, que teve como objetivo discutir os mecanismos necessários para proteger a saúde humana e o meio ambiente contra os efeitos adversos, resultantes das modificações da camada de ozônio, estabelecendo medidas e desenvolvendo protocolos com este propósito. Nesta Convenção foi estabelecido o Protocolo de Montreal, de abrangência internacional, lançado em 1987, o qual estabeleceu diretrizes para controlar as emissões de substâncias que destroem a camada de ozônio, tais como aquelas que contêm CFCs - Cloro Flúor Carbonos - nas suas composições. Diversos países se comprometeram com o que foi estabelecido neste Protocolo, inclusive o Brasil.

LUZZI, Daniel (2012), aponta como principal marco da Educação Ambiental com relação ao Brasil ocorrido em 1992, com a realização da Conferência Internacional da ONU para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92, realizada na cidade do Rio de Janeiro, e que resultou mais a frente na Agenda 21, em que eram listadas bases para consolidar o Desenvolvimento Sustentável.

Como repercussão de diversos outros eventos, foi promulgada a Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a política nacional de educação ambiental, trazendo que a educação ambiental deve ser promovida como disciplina de modo transversal, contínuo e permanente.

A lei 9.795/99, em seu Art. 2º afirma:

"A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal".

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1998, A Educação Ambiental, além de ser um processo educacional das questões ambientais, alcança também os problemas socioeconômicos, políticos, culturais e históricos pela interação de uma forma ou de outra destes campos com o meio ambiente, auxiliando na formação da cidadania.

Conforme Varine 2000, p.62, "a natureza é um grande patrimônio da sociedade. Conseqüentemente, a Educação Ambiental se torna uma prática social, com a preocupação da preservação dessa sua riqueza". De acordo com o autor, se o meio ambiente está sendo agredido, violentado, devendo-se isso ao veloz crescimento da população humana, que provoca decadência de sua qualidade e de sua capacidade para sustentar a vida, não basta apenas denunciar os estragos feitos pelo homem na natureza, é necessário um processo educativo, com atitudes pró-ambientais e sociais.

A educação ambiental no Brasil, segundo diretrizes do MEC, é desenvolvida por meio de três modalidades básicas: 1) projetos; 2) disciplinas especiais; e 3) inserção da temática ambiental nas disciplinas.

Para Dias, Genebaldo Freire 1991 p.69, Conscientizar é mudar, e mudança requer compromisso, e compromisso é ação. A cada passo para uma mudança sábia e responsável a transformação ambiental caminhará para o desenvolvimento sustentável.

1.2 A educação na promoção da saúde e higiene

A educação é um instrumento de construção social, um desafio de processos contraditórios entre elementos sócio culturais, onde se formam valores e inicia-se uma modificação cultural, política, e ética da sociedade. Para Lima (2002, p. 120), a educação “significa uma construção social por estar diretamente envolvida na socialização e formação dos sujeitos pedagógicos e de sua identidade social e cultural”.

Ainda segundo esse autor, cabe entender que a educação tanto pode assumir um papel de conservação da ordem social, reproduzindo ideologias, valores e interesses dominantes socialmente, como pode assumir um papel emancipatório, comprometido pela modificação cultural, política, e ética da sociedade e com o desenvolvimento das potencialidades dos seres humanos que a compõem.

A educação seja formal, informal, familiar ou ambiental só é completa quando a pessoa pode chegar aos principais momentos de sua vida a pensar por si próprio, agir conforme os seus princípios, viver segundo seus critérios (REIGOTA, 1997 p. 28).

De acordo com o portal do Ministério da Educação:

“A educação não deve se limitar a apenas informar, pois somente se tornará efetiva quando promover mudanças de comportamentos”. A comunidade escolar não deve apenas contribuir para que os alunos adquiram conhecimentos relacionados com a saúde. Uma coisa seria ensinar higiene e saúde. Outra coisa é agir no sentido de que todos os que estão no ambiente escolar adquiram, reforcem ou melhorem hábitos, atitudes e conhecimentos relacionados com higiene e saúde. (Faria e Monlevade, 2008 p.21).

Por isso, a educação deve ser entendida como um fator de promoção e proteção à saúde, tendo como atribuição estimular a criação de estratégias nesta conquista, onde a escola não pode limitar-se apenas informar, mas sim promover mudanças de comportamento, elevando a competência dos alunos para tomar decisões em todos os setores que convive, modificando desta forma uma verdadeira transformação em sua comunidade, a propagação do conhecimento beneficia a todos.

É um dever de a escola discutir e aplicar a relação entre a higiene e saúde, com objetivo principal de modificar hábitos e comportamentos, sem esquecer-se de ser e estar em condições de ser um exemplo a seguir. Vale ressaltar que a falta de higiene em um estabelecimento de ensino, como qualquer outro estabelecimento como: lojas, shoppings, salões de beleza, restaurantes, farmácias, padarias, dentre outros, faz com que esse estabelecimento esteja sujeito à interdição.

A saúde, segundo a organização Mundial de Saúde (OMS), é o estado de normalidade de funcionamento do organismo humano, significando estar bem nos aspectos físicos, mental e social, incluindo em sua definição o bem-estar social entre os indivíduos. A Carta Magna evidencia que a saúde é um direito de todos e um dever do Estado (Constituição Federal, artigo 196), devendo ser garantida por meio de políticas sociais e econômicas, ou seja, uma relação direta na educação sobre higiene.

YOKOTA, (2010) destaca que a promoção da saúde é considerada uma estratégia importante no processo saúde-doença-cuidado, sendo direcionada para o fortalecimento do caráter promocional e preventivo, a escola que possui condições sanitárias adequadas torna-se um modelo para os alunos, funcionários e toda comunidade.

É, portanto, dever da escola discutir e aplicar a relação entre a higiene e saúde, com objetivo principal de modificar hábitos e comportamentos.

Um tema de grande relevância na relação saúde/educação é a questão “Higiene Ambiental”, onde as preservações das condições sanitárias do meio ambiente favorecem a criação de espaços saudáveis, para promoção da saúde do ser humano, considerando que os fatores químicos, físicos e biológicos externos podem ter impactos diretos à saúde e ressaltando ser de fundamental importância, promover hábitos higiênicos necessários à manutenção da saúde e do bem estar, como por exemplo:

- Lavar as mãos - segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) o simples hábito de lavar as mãos funciona como uma “auto vacinação” contra doenças diarreicas, prevenindo mais mortes e enfermidades do que qualquer outra intervenção médica. Quando a pessoa não lava

bem a mão, ainda corre o risco de pegar hepatite A, além de bactérias e vírus intestinais, entre eles o rotavírus que é um vírus da família Reoviridae que causa diarreia grave, frequentemente acompanhada de febre e vômito, e o Adenovirus são vírus que normalmente causam doenças respiratórias como um resfriado comum, a conjuntivite (uma infecção no olho), crupe, bronquite ou pneumonia.

- Manter banheiros limpos e higienizados - de acordo a professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Doutora em Saúde Brasileira, Sandra Tibiriçá, o principal risco do banheiro está no contato direto da pessoa com as fezes. Conhecidos popularmente como vermes, os parasitos, que podem provocar diarreia, dor abdominal, vômito e anemia.
- Acondicionamento, coleta e destinação final de resíduos sólidos - o acúmulo de lixo cria, em consequência, vetores de doenças, como baratas, moscas, ratos, escorpiões e mosquitos.

1.3 AS ESCOLAS DA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO

A palavra escola vem do grego *scholé*, que significa “lugar do ócio”, isto porque as pessoas iam para lá em seu tempo livre para refletir. Os jesuítas criaram as primeiras escolas do Brasil quando chegaram ao país em 1549, objetivando formar sacerdotes e catequizar a população indígena, dedicando-se também à educação da elite nacional.

AZEVEDO, Fernando 1996 explica que:

Para se ter ideia do plano que traziam e da rapidez com que entraram em ação, basta lembrar [...] que ‘na Bahia enquanto se fundava a cidade de Salvador, quinze dias depois de chegarem os jesuítas, já funcionava uma escola de ler e escrever – início daquela sua política de instrução, que eles haviam de manter inalterável através dos séculos, de abrir uma escola onde quer que erigissem uma Igreja. (AZEVEDO, 1996, p. 497).

De acordo com a Rede de Estudos de História da Educação de Goiás, no site da Rede de Estudo de História da Educação, a primeira escola de Anápolis foi o Colégio Antesigna Santana, que foi fundada em 1925, como Grupo Escolar Brasil

Caiado. Passou a se chamar Grupo Escolar em 24 de Outubro em 1930 em homenagem à Aliança Liberal e, em 1945, recebeu a denominação atual em homenagem à educadora Antesina Santana (Figura 3).

Figura 3 - Primeira escola de Anápolis, Colégio Antesina Santana.



Fonte: acervo dos autores, 2013.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Anápolis tem uma população estimada no ano de 2013 de 357.402 habitantes e, conforme informações repassadas pelo Gerente de Unidade Regional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL-Anápolis), Fernando Nunes, a cidade possui atualmente 95 escolas municipais, 80 escolas estaduais e 56 escolas da rede particular, além de 19 instituições de ensino superior.

Anápolis vem se consolidando a cada ano como polo educacional, porém com uma demanda crescente, a cidade ainda recebe estudantes de vários municípios vizinhos, como Abadiânia, Alexânia, Pirenópolis, Goianópolis, Teresópolis, Campo Limpo, Ouro Verde, Jaraguá, Goianésia, Ceres, Rialma, e tantos outros. Com isso, é comum a superlotação de vários estabelecimentos educacionais. Com o crescimento e desenvolvimento dos bairros da cidade, está ocorrendo uma evasão considerável das escolas do centro da cidade. Grandes escolas, antes tradicionais, hoje se encontram praticamente vazias de alunos.

A escola é uma instituição de ensino, obrigatória e de direito a todos, que prepara alunos em seus primeiros anos de vida até a sua total formação. “A criança e o adolescente têm direito ao acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.” (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Capítulo IV, Artigo 53, Parágrafo V).

1.4 O Ambiente Escolar

O ambiente escolar engloba todas as relações e atividades que acontecem/ocorrem dentro da escola: o clima, a cultura, a parte física estrutural, mobiliário, iluminação, ventilação. O ambiente escolar é também as relações que a compõe. É de suma importância que a escola venha a se configurar como um ambiente saudável, disseminador de valores que venha a substanciar uma cidadania plena.

De acordo com Montoya (1997), o ambiente escolar deve favorecer a conexão entre a aprendizagem intelectual e a educação da pessoa, com o atendimento das múltiplas necessidades dos alunos: necessidades fisiológicas, necessidades afetivas, necessidades de movimento, jogo, diversão, socialização, expressão, conhecimento interior, criação e imaginação.

Montessori, Maria (1907), representante da Pedagogia Nova, a partir de experiências com o ensino de crianças, conclui que o espaço ideal para ser uma escola é uma casa com um jardim cultivado pelas crianças, com liberdade onde as crianças aprendem e se desenvolvem sem a ajuda dos adultos. Já que para o autor, o ambiente adulto se torna um obstáculo para o desenvolvimento das crianças. Assim, preparando-se um ambiente adequado aos movimentos das crianças, ocorrerá a manifestação psíquica natural e, portanto um aprendizado saudável.

Para Freire (1980), grande expoente da educação brasileira, a escola é o espaço onde se dá o diálogo entre os homens, mediatizados pelo mundo ao redor, surgindo daí a necessidade de transformação do mundo. Freire (1980) considera a escola como um espaço político para a organização popular.

Escola limpa, bem conservada e equipada, com espaços adequados, equipe comprometida e comunidade atuante em seu cotidiano são fatores primordiais para uma boa educação afinal, “o espaço educa”, como explicitam Escolano e Frago (1998, p. 77).

1.4.1 Responsabilidade socioambiental na escola

Sobre responsabilidade socioambiental, vários autores citam sendo precursor o livro *Responsibilities of the Businessman*, de Howard Bowen, editado em 1953, difundido inicialmente na Europa Ocidental e depois em outros continentes. Na década de 60, o surgimento de campanhas pela melhoria da qualidade de vida nos Estados Unidos foi outro fator que ajudou a disseminar a ideia.

O aumento das imposições dos funcionários, através de seus sindicatos, nos anos 80, obrigou muitas empresas a analisar suas práticas. No mesmo período também iniciaram os movimentos em defesa do meio ambiente, onde as organizações que não adotavam uma política ambientalmente responsável passaram a ser discriminadas pelos consumidores.

Na última década foi crescente a utilização do termo “responsabilidade socioambiental nas empresas”, visto que anteriormente era visto apenas como gasto desnecessário, decorrente também da fragilidade literária do assunto.

O aumento crescente da complexidade dos negócios, advindo do processo de globalização e da velocidade das inovações tecnológicas e da informação, impõe ao empresariado uma nova maneira de realizar suas transações (ASHLEY, 2002, p. 3).

Cada vez mais se percebe empresas privadas procurando atuar como agentes de desenvolvimento. Além de vender bens e serviços, preocupam-se em mostrar responsabilidade pelo contexto social e ambiental em que realizam suas atividades, mantendo um bom relacionamento com os seus stakeholders (GOLDSTEIN, 2007, p. 7).

Na sociedade pós-capitalista, o conceito de responsabilidade social ampliou-se, instituindo uma nova visão que vai além da obrigação com os acionistas, e passa a incluir outros grupos constituídos na sociedade também (DRUKER 1989, apud KARKOTLI; ARAGÃO, 2004, P. 52).

Nas escolas as relações dos estudantes com as situações do cotidiano, social e ambiental, são tratadas de forma subjetiva, a beira do inexistente, frente a distância da teoria versus prática.

As questões do meio ambiente e sustentabilidade que deveriam ser inseridas como necessidades urgentes e emergentes, são colocadas como se estivessem em um futuro próximo, a exemplo da reciclagem e ou reutilização frente ao consumismo exacerbado e o individualismo cotidiano.

CAPÍTULO 2 – O AMBIENTE ESCOLAR E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ANÁPOLIS-GO

Durante visitas às escolas e na aplicação dos questionários ocorreram algumas dificuldades, mesmo com aprovação das Secretarias de Educação Municipal e Estadual, várias escolas, em maior número, particulares, não autorizaram a entrada para aplicação do questionário, alegando falta de pessoal para atender, baixa relevância do tema e falta de interesse principalmente dos coordenadores em respondê-los.

De um total de 231 escolas do ensino fundamental e médio de Anápolis, foram selecionados de forma aleatória 14, por regiões, perfazendo um total de 154 pessoas entrevistadas, sendo 140 alunos e 14 diretores ou coordenadores pedagógicos – no Apêndice A e B estão os questionários aplicados gestores e alunos das escolas, respectivamente.

Pelo questionário aplicado à direção e/ou coordenação pedagógica das escolas, foi verificado desconhecimento aliado ao desinteresse relativo à educação ambiental por parte desses estabelecimentos, das 14 escolas visitadas, nove alegaram possuir um projeto no sentido, todavia, em oito escolas os projetos não foram executados na íntegra – sendo todos esses projetos relacionados à reciclagem, onde foi feita a coleta, mas por falta de destinação, acabaram por entregar os resíduos ao aterro sanitário. As outras escolas que alegaram possuir projetos ambientais mencionaram “Feira de Ciências e Feira Cultural”, Revitalização de Praça, e outra confecção de plantas ornamentais (só projeto, sem execução). Verificamos que apenas uma escola levava as questões ambientais na íntegra, tanto no aprendizado quanto em ações, como um projeto desenvolvido de preservação de Áreas de Preservação Permanente (APP).

Vale ressaltar que a escola como principal meio de educar, é também responsável pela sociedade, onde a educação ambiental é uma forma de envolver os alunos através de um processo pedagógico participativo, em uma consciência crítica sobre os problemas ambientais.

Das 14 escolas, apenas duas alegaram possuir área arborizada, horta, ou outros espaços para trabalhar Educação Ambiental, as demais escolas apenas indicaram existir espaços para recreação (Figura 4). Cinco escolas não possuíam

áreas verdes, nem para recreação (figura 5), das outras nove escolas visitadas foi verificada a existência de áreas verdes, contudo abandonadas e algumas com entulhos (Figura 6).

Figura 4 – área de recreação de escola.



Fonte: acervo dos autores, 2013.

Figura 5 – escola sem área verde.



Fonte: acervo dos autores, 2013.

Figura 6 – Escola com área utilizada para entulho.



Fonte: acervo dos autores, 2013.

A soma de produção diária de lixo de 12 escolas (duas escolas não souberam informar esse dado) é de 7.300 litros, ou seja, uma média de 0,748 litros por aluno. Consta-se que as maiores partes dos resíduos são: latas de refrigerantes, plástico e papel, copos descartáveis, vidros (Figura 7).

Figura 7 - resíduos nas lixeiras da escola



Fonte: acervo dos autores, 2013.

Das 14 escolas visitadas, apenas uma não apresentou quantidade satisfatória de lixeiras. Porém, apesar das demais escolas possuírem uma lixeira ou mais em cada sala, no banheiro e secretaria, foi verificado que alguns alunos jogavam lixo fora destas, o que retrata a falta de educação ambiental realizada nessas instituições a respeito da destinação do lixo e da organização do ambiente escolar (figura 8).

Figura 8 – lixo fora da lixeira.



Fonte: acervo dos autores, 2013.

Apesar de nove apresentarem lixeira seletora, estas não estavam sendo utilizadas de forma correta, com a devida separação, as lixeiras para a coleta seletiva são coloridas, elas são padronizadas internacionalmente isso facilita sua identificação por qualquer cidadão em qualquer cidade do mundo! (onde haja coleta seletiva – o que infelizmente ainda não ocorre em todo lugar) são materiais recicláveis e as cores que correspondem nas lixeiras seletivas:

- Azul – Papel/papelão
- Vermelho – Plástico
- Verde – Vidro
- Amarelo – Metal
- Preta – Madeira
- Laranja – Resíduos perigosos
- Brancos – Resíduos ambulatoriais e de serviços de saúde
- Roxo – Resíduos radioativos
- Marrom – Resíduos orgânicos
- Cinza – Resíduo não reciclável contaminado, ou contaminado não passível de separação.

Figura 9 – Lixeiras Seletivas

Fonte: acervo dos autores, 2013.

Fonte: acervo dos autores, 2013.

Cerca de oito escolas afirmaram realizar o processo de separação de lixo, porém, apenas uma destinava os resíduos a uma cooperativa de catadores, o restante era destinado ao aterro sanitário.

Ainda a respeito da limpeza dos estabelecimentos, todas as escolas alegaram realizar dedetização mais de uma vez por ano.

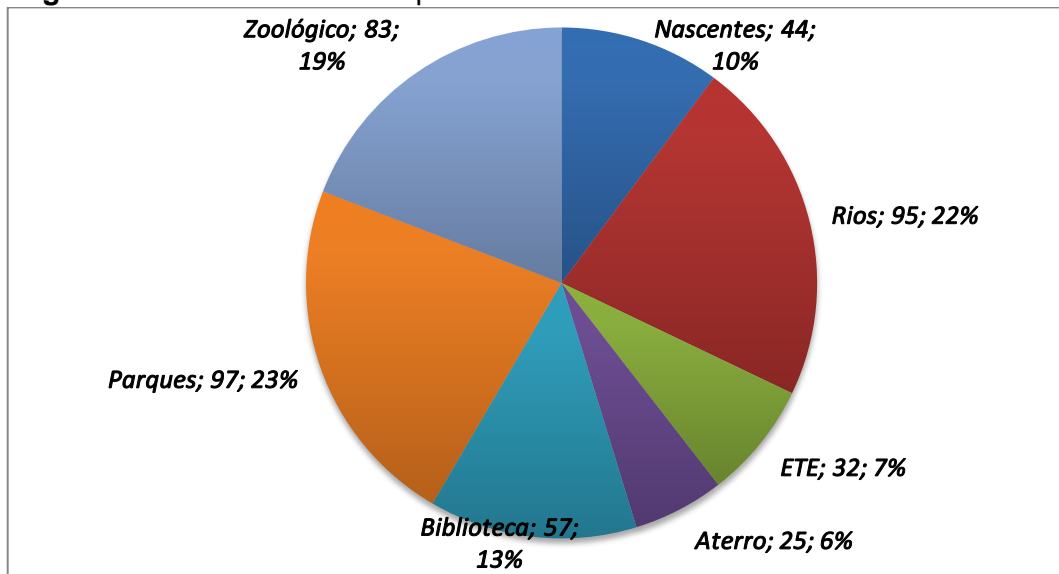
Sobre realização de atividades com os alunos fora da escola, seis escolas municipais e uma particular registrou a saída, porém destinadas a poucos alunos, como se fosse um prêmio por bom comportamento, e não o aprendizado em si. Estes passeios se resumem em cinema, shopping e teatro.

A primeira questão levantada aos alunos foi qual seria a forma eficaz de diminuir a poluição, gerar renda e impedir o acúmulo de materiais nos aterros sanitários, a qual, dos 140 alunos entrevistados, apenas 25 responderam reciclagem, os restantes apresentaram respostas como “Não Sei” (23), “jogar lixo no lixo” (41) e outras respostas bem diversificadas e vagas como: “ir ao posto de saúde”, “aumentar a renda familiar”, “evitar andar de carro”, “ficar longe de lixo tóxico”.

Aos alunos foi perguntado se conheciam ou tinha visitado certos locais, dos 140, a maior proporção respondeu conhecer parques (97), rios (95), zoológico (83), biblioteca (57) e nascentes (44), poucos responderam conhecerem o sistema de tratamento de água e esgoto (32) ou o aterro sanitário (32). Do montante, é possível descartar que grande proporção dos alunos visitaram elementos naturais da paisagem, como rios e parques ambientais, enquanto que uma menor proporção chegou a conhecer locais de tratamento e disposição de resíduos sólidos e líquidos, como estações de tratamento de água e esgoto e o aterro sanitário. A visita a esses últimos locais deveria ser mais incentivada para que os alunos tenham

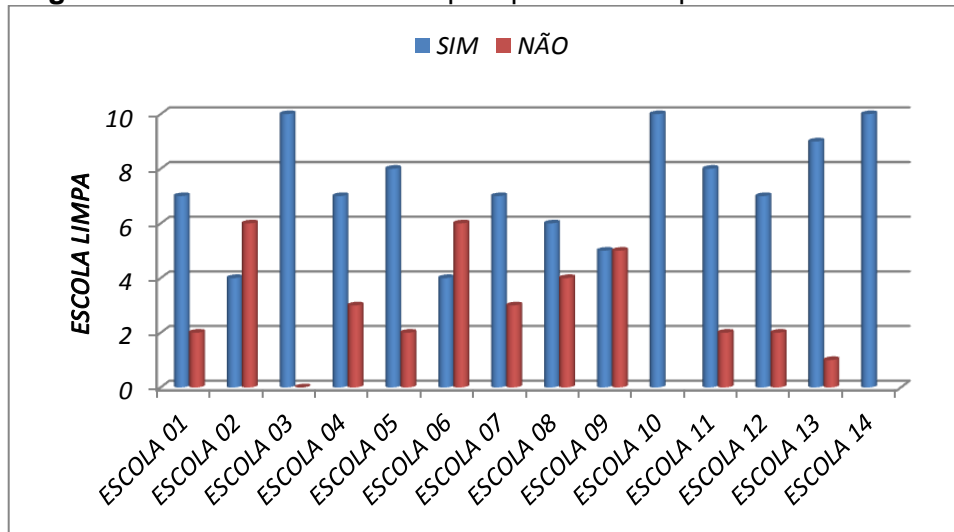
conhecimento do processo de tratamento da água e da forma de disposição do lixo, como possibilidade de atentarem para a importância da economia de água e da redução e correta destinação de lixo.

Figura 10 – Gráfico de locais que os alunos conhecem.



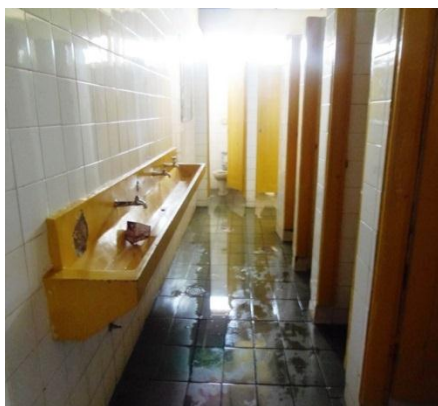
Fonte: acervo dos autores, 2013.

Quando questionados sobre a importância da escola limpa, e se sabiam onde estavam às lixeiras, todos 140 alunos responderam que sim e alegaram ser importante a escola estar limpa e todos sabiam onde estavam as lixeiras. Quando perguntamos como eles avaliam a limpeza das escolas, 11 escolas foram avaliadas positivamente, ao passo que as escolas 2, 6 e 9 foram avaliadas negativamente.

Figura 11 – Gráfico dos alunos que aprovam a limpeza da escola.

Fonte: acervo dos autores, 2013.

A respeito das condições dos banheiros das escolas visitadas, vários possuíam vazamentos (Figura 12), sem porta (Figura 13), com defeitos diversos, sem produtos de higiene como sabonetes líquidos para limpeza das mãos e, em alguns casos, totalmente pichados (Figura 14). Três escolas, inclusive, possuíam os banheiros trancados, sendo liberados apenas na hora do recreio, ou seja, caso algum aluno precisasse utiliza-lo antes deste horário, teria que encontrar o responsável pela chave. Das escolas entrevistadas apenas uma não foram visualizados problemas físicos (figura15).

Figura 12– Banheiro com vazamento

Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Figura 13 – Banheiro sem porta

Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Figura 14 – Banheiro pichado



Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Figura 15 – banheiro que não foram visualizados problemas físicos.



Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Aos alunos foram perguntados quantos e quem eram as pessoas encarregadas da limpeza da escola, todos responderam desconhecer a quantidade ou o nome desses profissionais, sendo que muitos os referiam como: “tiazinha da limpeza”, “tio do lixo”, ou “a faxineira”, o que remete a avaliação dos valores que estão sendo passados a estes alunos, uma vez que profissionais tão importantes em um estabelecimento educacional estejam invisíveis aos alunos.

Segundo o psicólogo Fernando Braga da Costa, em palestra, alega-se que essa cegueira que atinge a humanidade, chamada invisibilidade social, pode ser encarada como um fenômeno político, mas também como um fenômeno psicológico. Sociologicamente falando, o “não enxergar” é até contraditório com a realidade atual. As pessoas veem, mas não enxergam.

Quando questionados se já participaram de alguma atividade que informava sobre a importância do ambiente escolar limpo, 63 alunos disseram que sim (45%) e 77 alunos que não (55%). Ainda, ao serem questionados sobre sua participação em alguma atividade que retratava a importância em se preservar o meio ambiente, 80 alunos responderam que sim (57%), 53 alunos que não (38%), e sete alegaram não lembrarem (5%). Ao serem questionados também de sua participação em algum passeio ecológico, 49 alunos disseram que sim (31%), e 91 alunos disseram que não (69%).

Portanto, menos da metade dos alunos entrevistados tiveram contato com atividades de educação ambiental sobre a importância do ambiente escolar limpo ou outras atividades sobre a importância de preservação do meio ambiente. Algo a ser considerado pelas escolas.

Quando questionados a respeito das melhores formas de diminuir os impactos ao meio ambiente, 28% responderam “evitando jogar lixo nas ruas e/ou colocar o lixo no local correto”, 26% responderam “não poluindo ou diminuindo a poluição” e 21% responderam “não saber”. Destaca-se portanto uma quantidade considerável de alunos (21%) que desconhecem as formas de diminuir os impactos ambientais, ou ainda outros que tiveram respostas absurdas, como um que respondeu a necessidade de “ficar longe do lixo atômico”.

Ao serem questionados se sabiam o que é reciclar, 81% dos alunos (114) responderam que seria reutilizar, reaproveitar, transformar, modificar e refazer, algo bastante positivo. Quando solicitados a responderem quais objetivos podiam ser reciclados, os alunos indicaram 19 objetos, principalmente referente a papel, papelão, plástico, vidros, garrafas pet, metais e alumínio, o que demonstra bom conhecimento acerca dos objetos passíveis de serem reciclados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados ao longo desta pesquisa deixam evidentes algumas questões para uma melhor avaliação de como está sendo entendida e trabalhada a educação ambiental na formação dos alunos e sua eficácia como multiplicadores socioambientais. Ainda, percebe-se o quanto se faz necessária uma mudança em sua aplicação, devido à relação direta de seu entendimento a uma transformação em sua comunidade. Não se podem fornecer diálogos e reflexões acerca da problemática ambiental para um futuro próximo, pois é atual, contemporâneo e crítico.

A falta de projetos ambientais ou a continuidade dos poucos iniciados demonstra a falta de atenção com a educação ambiental por parte dos professores, coordenadores, diretores e responsáveis pelas escolas, tanto municipais quanto estaduais ou particulares. Por ser interdisciplinar, qualquer educador poderia aplicar os preceitos da educação ambiental em sala de aula, a título de exemplo: o professor de português vincular redações sobre temáticas ambientais, professores de matemática trabalhar com atividades sobre contagem do consumo ou geração de lixo, professores de história abordar sobre fatos históricos relacionados à mudança do ambiente ou da percepção ambiental, professores de educação física Gincanas da preservação. É importante que os conteúdos se apresentem como, problemas a serem resolvidos para que os alunos promovam um aprendizado ativo que transcenda a memorização (PCN, 1999).

O presente trabalho constatou nas escolas visitadas a falta de projetos que possam transformar a realidade social e ambiental, os poucos encontrados baseados em reciclagens como colagem, utilizados no próprio aprendizado, ou para coleta de catadores.

Mostrar a realidade aos estudantes é de suma importância, existe uma grande diferença entre o que é dito e aquilo que é visto ou sentido, exemplo disso seria a percepção por parte dos alunos da quantidade de lixo dispostos num aterro sanitário, o trabalho dos catadores e suas condições de trabalho, quanto nossas nascentes estão sendo degradadas, com a ressalva da manutenção das áreas de proteção permanente (APP), ou como é feito o tratamento de água e esgoto.

Figura 16- Aterro Sanitário de Anápolis.



Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Figura 17 - Nascente do córrego João Cesario.



Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Os estudantes devem ser preparados para conhecer o desconhecido, aprenderem que pior que falhar é não fazer nada. A educação, principalmente no que se refere à ambiental, precisa urgentemente ser realmente implementada, de

modo a formar pensadores, empreendedores, idealistas e seres humanos que não apenas vivem, mas também percebem pertencerem ao meio ambiente.

Ao final desse trabalho, alguns questionamentos surgem, como: por que a dificuldade de coleta dos resíduos sólidos nas escolas, que são separados para reciclagem, mas não é dada a destinação correta? Por que a educação ambiental não é aplicada, será falta de qualificação ou interesse? Perguntas essas e tantas outras que podem ser respondidas em trabalhos futuros.

“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideais”.

(Augusto Cury, p.55 /2003)

REFERÊNCIAS

ASHLEY, PATRICIA ALMEIDA ET AL. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

AZEVEDO, FERNANDO DE. **A cultura brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro/Brasília: UFRJ e UnB, 1996.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1ª a 4ª Série). **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais** — Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. (v. 1). Campinas Jan./ 2010

COLESANTI, MARLENE. **Paisagem e educação ambiental**. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3, 1996. Rio Claro UNESP, 1996, p. 35.

CURY, AUGUSTO JORGE. **Pais brilhantes e Professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DIAS, GENEBALDO FREIRE. **Educação ambiental: princípios e prática**. 8ª edição. São Paulo: Gaia, 1991. 551p.

Disponível e <http://www.brasilecola.com/educacao/educacao-ambiental.htm>. Acesso em 25 de Outubro 2013, 19:30:00

ESCOLANO, AUGUSTÍN; FRAGO, ANTONIO VIÑAO. **Currículo, espaço e subjetividade** — a arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIA, IVAN DUTRA, MONLEVADE, JOÃO - **HIGIENE E SEGURANÇA NA ESCOLA** - Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília 2008 – <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/higiene.pdf> Acesso em 20 de Março 2013, 12:20:00.

FREIRE, PAULO. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

GOLDSTEIN, ILANA. **Responsabilidade social**: das grandes corporações ao terceiro setor. São Paulo: Ática, 2007. <http://acervo.reheg.fe.ufg.br/index.php/primeira-escola-de-anapolis-colegio-utesina-santana> , Acesso em 09 de Janeiro 2014, 10:12:00

http://www.rondoniaovivo.com/noticias/escola-da-rede-estadual-e-denunciada-no-mp-por-falta-de-estrutura-sanitaria-e-diretora-rebate-denunciante-video/105972#.Ut7_BhBTvIU, Acesso em 20 de Dezembro 2013, 12:30:00.

KARKOTLI, GILSON; ARAGÃO, SUELI DUARTE. **Responsabilidade social**: uma contribuição à gestão transformadora das organizações. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEVINGER B. ***Critical transitions**: human capacity development across the lifespan*. New York: United Nations Development Programme; 1996.

LIMA, GUSTAVO FERREIRA DA COSTA. **Crise ambiental, educação e cidadania**: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, CARLOS FREDERICO. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUZZI, DANIEL. **Educação e Meio Ambiente**: uma relação Intrínseca. Barueri, SP, 2012 –Série Sustentabilidade.

MINC, CARLOS. Educação ambiental. **Caderno Cedes**, nº 29, 1999.

MONTESSORI, MARIA. **Para Educar O Potencial Humano**. Papirus Editora, São Paulo, 2004.

MONTOYA, LAURENTINO HERAS. **Comprender el espacio educativo**. Málaga, Espanha: Aljibe, 1997.

MUNHOZ, TÂNIA. **Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental**. 2004. In: Educação Ambiental.

NANA MEDINA. **Educação ambiental**: uma nova perspectiva. Série Cadernos Pedagógicos. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Universidade Federal do Mato Grosso, 1994.

NOAL, F. O.; REIGOTA, M.(org). **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

OBARA, A.T.; SILVA, E. S. População Humana, Biodiversidade e Unidades de Conservação do Brasil. In: VILLALOBOS. J.U.G. **Terra e Agricultura**. Maringá, 2001, p. 1-19.

PEREIRA, ELENITA MALTA (2004), Outras Palavras
<http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html> , Acesso em 09 de Janeiro 2014, 11:12:00

PORTELA, ADÉLIA LUIZA; ATTA, Dilza Maria Andrade. A Dimensão Pedagógica da Gestão da Educação. In: RODRIGUES, Maristela e GIÁGIO, Mônica. **Guia de Consulta para o Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação – PRASEM III** Brasília: FUNDESCOLA/MEC, 2001. p 175

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e representação social**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania**: reflexões e experiências. São Paulo: SMA,1998. p.27-32.

SOUZA, JULIANA CAMPOS SABINO DE. A importância da escola na formação do cidadão: Algumas Reflexões para o Educador Matemático. **P@rtes**. Agosto de 2009. Disponível em:<http://www.partes.com.br/educacao/educadormatematico.asp>., Acesso em 25 de Outubro 2013, 19:30:00

VARINE, HUGUES DE. **O Ecomuseu. Ciências e Letras**, n. 27, p. 61-90, 2000.

YOKOTA, RENATA TIENE DE CARVALHO. **Revista Nutrição**, v. 23 n. 01,